

Escutas Sensíveis:
Um dispositivo de cuidado em saúde mental no Centro Cultural do Bom Jardim

Vlândia Jamile dos Santos Jucá (Docente do Departamento de Psicologia da UFC)
João Paulo Pereira Barros (Docente do Departamento de Psicologia da UFC)
Rafael Soares Cavalcante (Discente do Departamento de Psicologia da UFC)
Renan Braga Alves (Discente do Departamento de Psicologia da UFC)

As juventudes perifizadas encontram barreiras significativas no acesso aos equipamentos de saúde mental, o que eventualmente acarreta o agravamento do sofrimento já existente. Ademais, são os jovens oriundos dos territórios precarizados os que mais sofrem com os processos de exclusão/racismo e com a violência urbana. Neste cenário, é fundamental criarmos dispositivos de cuidado de base comunitária e de fácil acesso. Nesta direção, foi pensado o “Escutas Sensíveis”, uma atividade de extensão realizada através da parceria do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará com o Centro Cultural do Bom Jardim, cujo objetivo é desenvolver estratégias de cuidado em saúde mental sensíveis ao atrelamento do sofrimento psíquico às questões sociais e políticas. São objetivos específicos do projeto: 1) Fornecer um espaço de acolhimento individual para as urgências subjetivas em até oito encontros; 2) Realizar conversações e rodas de conversa, produzindo um saber com os jovens acerca do mal-estar que os acomete; 3) Experimentar e produzir conhecimento acerca de tecnologias de cuidado mais capilares e territorializadas.

No presente trabalho, iremos discutir as bases nas quais se articula a proposta do Escutas e relatar o que temos realizado desde o início de 2020, quando o projeto iniciou. Com a pandemia, o trabalho passou para o modo remoto. Apesar das dificuldades de acesso a internet por parte dos jovens, sustentamos os acolhimentos individuais e as rodas de conversa. Atualmente, estamos retomando as atividades presenciais, graças ao avanço da vacinação em Fortaleza.

Antes de apresentar algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido, através de dois exemplos – fragmento de um acolhimento individual e notas realizadas a partir das rodas realizadas com alunos de um dos cursos do CCBJ – vale explicitar o cenário a partir do qual surge nossa preocupação em ofertar espaços de cuidado em saúde mental de modo mais capilarizado, através de alianças com equipamentos comunitários, além daqueles que compõem formalmente a rede de atenção psicossocial.

O ponto de partida vem da constatação de que as juventudes perifizadas encontram muita dificuldade para acessar os equipamentos de saúde mental, mesmo quando em sofrimento. Tal dificuldade nos parece estar atrelada a um contexto maior descrito por Desviat (2018) como sendo o “esgotamento da reforma psiquiátrica”, associado ao retraimento do Estado do bem-estar e o avanço do neoliberalismo em uma sociedade de mercados, com a fragmentação dos laços de solidariedade.

De acordo com o autor, o modelo comunitário de atenção se deparou com três frentes adversas: “a insuficiência de sua bagagem psicossocial, a crise de seu suporte principal – os serviços sanitários sociais e comunitários do chamado Estado do bem-estar – e a crescente medicalização da sociedade”. (DESVIAT, 2018, p.16) Assim, sem mais contar com a conjuntura presente na construção da reforma, nas décadas de 70 e 80 do século XX e por dificuldades relativas ao próprio lugar da clínica na atenção psicossocial, os equipamentos pensados a partir da reforma se encontram hoje superlotados e, em alguns casos, com dificuldades em sustentar uma clínica que resgate a história dos sujeitos, e os sofrimentos atrelados aos territórios aos quais pertencem, para além da lógica dos transtornos.

Certamente, é importante cuidar dos Centros de Atenção Psicossocial e dos ambulatoriais, mas também é preciso realizar outros movimentos para garantir o acesso ao cuidado, através de práticas de cuidado capilarizadas, às quais podem operar em uma lógica de redução de danos, pois evitam o agravamento do sofrimento já existente, além de colaborarem para interromper a lógica do encaminhamento para atenção especializada de toda e qualquer situação que envolva saúde mental, como se esse fosse o único lugar possível para tratar o sofrimento psíquico. Coadunamos, deste modo, com a perspectiva de Desviat (2018) para quem um modelo desinstitucionalizador (no sentido mais amplo do termo, o que implica em ir na contramão da medicalização) exige “a expansão da clínica e de seus atores no entorno social e sua inserção na comunidade e suas instituições, sem se esquecer da escuta, do singular do sofrimento psíquico”. (p.15)

Movidos por essa preocupação e apostando em uma psicanálise implicada, resolvemos experimentar, em uma construção conjunta com o CCBJ, uma oferta de cuidado que, como tratamos anteriormente, envolve um espaço individual (acolhimento) e outro mais coletivo (conversações e rodas). Apesar desta separação, o coletivo, pensado como campo social mais amplo, presentifica-se no espaço individual. Não obstante, nos acolhimentos, a elaboração aconteça a partir de uma história singular, a dimensão sócio-política do sofrimento psíquico ali se faz presente (ROSA, 2018). Por outro lado, os espaços de trabalho mais coletivos são manejados de modo a permitir o comparecimento da singularidade, através da palavra que circula e das elaborações produzidas. Nesta direção, vale destacar a indissociabilidade do psiquismo e do campo social, tanto para Freud quanto para Lacan. Para Lacan, não existe sujeito do Inconsciente concebido sem a alteridade em jogo: “[...] o inconsciente do sujeito é o discurso do outro [...]”. (LACAN, 1998, p.266. Essa indissociabilidade deve ser considerada tanto na produção do “*Pathos*” quanto na construção de oferta para tratá-lo.

Consideramos relevante também explicitar a ideia da psicanálise implicada, citada no parágrafo anterior, que seria “aquela em que as teorizações sobre desejo e gozo incluem o modo como os sujeitos são capturados e enredados na máquina do poder, de modo que algumas vezes tenha suspenso seu lugar discursivo”. (ROSA, 2018, p.28). Os jovens com os quais trabalhamos são frequentemente falados, mais do que escutados. Por residirem em um contexto periférico, o discurso acerca do território em que habitam e, por tabela, acerca deles, costuma ser desqualificador. Na mídia, geralmente são associados à violência. E, de fato, estão. No entanto, de modo distinto ao que o discurso midiático faz crer, são jovens vitimados pela violência presente no território e por violações de direitos, por vezes, produzidas pelos representantes do estado. Jovens que crescem perdendo amigos e parentes, vivenciando cenas de humilhação como as revistas realizadas pela polícia em suas entradas no bairro e com dificuldades em experimentarem outros territórios da cidade. A falta de espaços de elaboração para tais vivências provocam “efeitos de dessubjetivação” (ROSA, 2018). Contra os discursos que silenciam e desqualificam, é preciso criar espaços de fala e de escuta, em particular, aqueles que possam também fomentar/ fortalecer os vínculos de solidariedade entre os jovens como modo de resistência à fragmentação produzida pelo individualismo exacerbado, produto do neoliberalismo.

Trazemos a seguir um breve relato de um dos atendimentos realizados na modalidade de acolhimento individual, o qual pode acontecer em até oito encontros, e algumas notas sobre rodas de conversa feitas com alunos de um curso a fim de que possamos refletir sobre o trabalho realizado.

Manoel, 22 anos de idade, frequenta um dos cursos do CCBJ. Procurou atendimento em um momento de urgência subjetiva, por conta de ter perdido a tia por homicídio, após a mesma ter reagido a uma tentativa de assalto. Passou por várias perdas:

a da tia, a de uma amiga faleceu de câncer, e a do pai e da mãe (ambos suicidaram quando ele era pequeno). Desde 2015, sente que sua vida tem ido ladeira abaixo, quando teve sua orientação sexual exposta de maneira violenta dentro da Igreja que participava. Sentindo-se envergonhado e humilhado, se afastou da igreja e se enclausurou no quarto. Retorna a se movimentar e a sair de casa na virada de ano de 2020/2021, com um grupo de amigos LGBTQI+ em quem encontrou apoio. No decorrer das oito sessões, foram trabalhadas várias questões: o luto pela morte dos pais, que se reatualiza nas mortes seguintes, mas que conforme o jovem, não se compara a experiência de ter perdido o pai que era “tudo que ele tinha”. Sofre com os comentários homofóbicos da avó: “se seu pai estivesse vivo, ele ficaria muito decepcionado”. Um dos detalhes clínicos interessantes durante os atendimentos foi trabalhar com Manoel as expectativas em relação a ser aprovado em um teste seletivo para um curso em São Paulo. A cidade representaria as possibilidades de vivenciar a própria sexualidade sem os riscos em jogo: a avó, a família, as pessoas do próprio território. Muitos dos movimentos que ele poderia fazer ainda em Fortaleza, são adiados para a vida que será vivida, em São Paulo, no futuro. São Paulo e Ceará aparecem como, respectivamente, liberdade e prisão. No último acolhimento, Manoel avalia que não precisa continuar em uma terapia a longo prazo, quando questionado sobre isso. Informa que está melhor e o processo foi muito importante para compreender alguns receios por ele vivenciados. Traz um pequeno relato sobre um amigo ter sido expulso de casa por conta da orientação sexual e me diz que está ajudando esse amigo a conseguir uma vaga no CCBJ, espaço que ele considerou tão importante para ele quando ele precisou de apoio.

A oferta de acolhimento individual se justifica, sobretudo, nos casos de urgência subjetiva, quando por eclosão da angústia, faz-se necessário um espaço de articulação de fala que possibilite uma elaboração primeira diante de uma situação vivida como disruptiva:

Espera-se também que, a partir daí, ele venha a trabalhar para que o tratamento inaugure um tempo que não seja o da pressa, mas um tempo de interrogação sobre si próprio através do recurso à palavra, prescindindo das passagens ao ato, que o colocam em risco. A questão em jogo é abrir um espaço de criação para o sujeito, onde ele será convidado a inventar um modo de se haver com o insuportável, uma invenção singular que possa dar contorno ao real avassalador [...] (CALAZANS; BASTOS, 2008, p.642)

No caso relatado, percebe-se que a angústia deflagrada com a morte da tia coloca em cena um trabalho de luto inacabado, sobretudo, referente a perda da figura paterna na primeira infância. Além disso, o sofrimento atrelado aos preconceitos que vivencia por causa da orientação sexual – questão que se articula a dúvida se o pai morto o amaria caso estivesse vivo – se faz presente. Certamente, oito encontros não são suficientes para realizar o luto que se coloca nessa história de vida e para elaborar tudo o mais que não chegou nem a ser articulado nesse tempo de atendimento. No entanto, na leitura do próprio jovem atendido, a oferta realizada, gerou um trabalho que teve efeitos importantes no momento que ele atravessava. Uma oferta de escuta e de convite à fala que, chegando a tempo, pode evitar o controle do mal-estar pela via medicamentosa, pode evitar que esse sofrimento seja silenciado como “transtorno de ansiedade” ou em decorrência da morte da tia “transtorno pós-traumático”.

Passamos agora a uma apresentação de questões presentes nas rodas com alunos de um dos cursos do CCBJ. Importante sublinhar que as rodas aconteceram no início da pandemia, ainda no primeiro semestre de 2020, quando o distanciamento social e as

atividades remotas reestruturavam as relações sociais. No preparo para as rodas e durante as mesmas, os jovens falaram sobre:

Cansaço mental – O cansaço, esgotamento, aparecia como produto das diluições dos afazeres, que não tem mais um momento do dia para serem feitos e se emaranham na dinâmica familiar. Não existia mais momento livre. Vários lutos se faziam presentes, mas sem tempo de elaboração.

Ansiedade – Relacionada ao viver em um contexto no qual a vida está em constante ameaça, diante de uma situação de mortes na comunidade em decorrência da COVID-19; tudo agregado a uma crise política e social que trazia muitas incertezas sobre as possibilidades de inserção no mundo do trabalho.

Problemas de sono – Em relatos, a quebra da rotina embaralhou os ciclos de sono. Houve dificuldades para dormir por conta de picos de ansiedade, como também pela necessidade de cumprir prazos do curso que faziam ou de outros compromissos, com noites mal dormidas.

Solidão – Com várias fontes de mal-estar se agregando, em um momento no qual o contato com o outro fisicamente é inexistente ou diminuto, a solidão também apareceu como parte do sofrimento, como um fator de agravamento.

A partir do acolhimento individual e dos temas que emergem das rodas é possível perceber a potência da oferta de espaços nos quais se possa nomear o sofrimento através da construção de narrativas, mediante a sustentação de uma escuta que permita a simbolização de experiências marcadas pelo território e pela condições de vida comuns aos jovens atendidos. Tanto no acolhimento individual quanto nos espaços coletivos o campo social se faz presente, sendo constituinte das subjetividades enquanto singularidades tecidas a partir da vida que se modula pelas potencialidades e constrangimentos do território ao qual se pertence. Nas rodas, o compartilhamento produzido auxilia na redução da solidão e na possibilidade de articulações de outras formas de viver, produzidas na aliança entre os jovens.

Seguimos na aposta de que o trabalho em saúde mental, norteado pela ética da psicanálise e capilarizado através dos espaços comunitários, pode ser uma importante frente de resistência ao adoecimento e a processos de mortificação das juventudes.

Referências:

- CALAZANS, R.; BASTOS, A. Urgência subjetiva e clínica psicanalítica. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 640-652, dez. 2008.
- DESVIAT, M. Coabitar a Diferença: Da Reforma Psiquiátrica à Saúde Mental Coletiva. São Paulo: Zagodoni, 2018.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 238-324.
- ROSA, M. D. A Clínica Psicanalítica em Face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento Psíquico. 2ª.Ed. São Paulo: Escuta, 2018.